

**O discurso de ódio contra jornalistas mulheres  
no governo de Jair Bolsonaro**

*The hate speech against women journalist  
in the government of Jair Bolsonaro*

Oscar Milton Cowley FORNER<sup>1</sup>  
Almudena Muñoz GALLEGO<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente artigo traz uma análise acerca da narrativa baseada no ódio contra jornalistas femininas, que foi adotada pelo governo atual. O objetivo do estudo é discutir o conceito do discurso de ódio e sua aplicação dentro do campo de propaganda política, assim como a origem da retórica de ódio contra mulheres e a imprensa em seu discurso. Para isso, como estudo de caso, foi analisada uma entrevista, ocorrida no ano de 2021, em que o presidente realizou algumas declarações conflituosas à jornalista Laurene Santos, usando como base dados levantados por relatórios para auxiliar na compreensão do uso do discurso de ódio contra jornalistas femininas e como sua aplicação pode ter uma função estratégica como propaganda política.

**Palavras-chave:** Discurso de ódio. Jornalistas Femininas. Jair Bolsonaro. Comunicação Política. Brasil.

**Abstract**

This article presents an analysis of the narrative based on hate against female journalists, which was adopted by Jair Bolsonaro during his government as President of the Republic in Brazil. The aim of the study is to discuss the concept of hate speech and its application within the field of political propaganda, as well as the origin of hate rhetoric against women and the press in its discourse. For this, as a case study, an interview was analyzed, which took place in the year 2021, in which the president made some conflicting statements to journalist Laurene Santos, using as a basis data collected by reports to assist in the understanding of the use of hate speech against female journalists and how its application can have a strategic role as political propaganda.

**Keywords:** Hate speech. Female Journalists. Jair Bolsonaro. Communication. Brazil.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/UFRN). E-mail: oscarcowley93@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutorado em Comunicação Audiovisual, Publicidade e Relações Públicas pela Universidade Complutense de Madri. Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/UFRN). Pessoal docente e pesquisador da Universidade Complutense de Madri (Madri, Espanha). E-mail: almudena.munoz@ucm.es

## Introdução

O uso do discurso baseado na narrativa do ódio contra jornalistas passou a ser comum nas falas do presidente durante o seu governo. Contudo, estudos da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (2021), conhecida como Abraji, indicam que as falas do presidente adquirem um tom mais agressivo e pessoal quando o grupo atacado, no caso da imprensa, é representado por uma mulher, indicando que pode haver um padrão ou motivo propagandístico por trás do uso desse tipo de retórica contra repórteres femininas.

A extrema-direita ocupou forte protagonismo a partir dos anos 2000 em vários países da Europa e América Latina, assim como também nos Estados Unidos, até a saída do governo de Donald Trump em 2020. Alavancada pela crise econômica de 2008, as altas taxas de desemprego, o descontentamento social e as desigualdades extremas, entre outros motivos, a ala mais extremista da direita ganhou força na sociedade por meio do uso de uma retórica baseada no ódio contra determinados grupos (STANLEY, 2018).

No Brasil, o atual presidente Jair Bolsonaro ilustrou as estratégias internacionais dos governos mais extremistas, como o do então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, para formar uma base movida pelos discursos propagandísticos populistas e incitadores de ódio durante sua campanha eleitoral (EMPOLI, 2019). Reforçado pelas manifestações promovidas em 2013 contra o governo do Partido dos Trabalhadores, da presidente Dilma Rousseff, e os escândalos de corrupção do mensalão, Bolsonaro se viu fortalecido ao ponto de se tornar um dos líderes da oposição (EMPOLI, 2019).

Fazendo uso de uma linguagem coloquial e simplificada, contendo diversas acusações que buscavam gerar o medo na população, o então candidato pelo Partido Social Liberal (PSL) conseguiu se eleger em 2018 com mais de 57 milhões de votos (55,13% no total, segundo dados do TSE), e implementar a retórica do ódio como fala oficial da presidência, sujeitando as minorias a diferentes constrangimentos que, entre outras coisas, buscavam fortalecer a sua imagem de líder e alimentar a base eleitoral – mais radical – que contribuiu para o seu crescimento político (CIOCCARI E PERSICHETTI, 2018).

No caso da imprensa, segundo dados levantados pela ONG Repórteres Sem Fronteiras (RSF) em 2021, as relações com o governo sofreram uma deterioração

significativa, causada pelos ataques regulares de Jair Bolsonaro a jornalistas e à mídia em seus discursos, tendo como alvo principal as mulheres que exercem essa profissão. Assim, no presente artigo busca-se analisar o uso do discurso de ódio contra jornalistas femininas por Jair Bolsonaro durante o seu mandato, e entender como os elementos dessa retórica podem tomar um caráter de propaganda política.

O Brasil passa por um dos momento mais polarizados da sua curta história democrática, o que facilitou, segundo o escritor Angelo Müller (2019), a criação das chamadas bolhas de relacionamento em que se reforçam as crenças e direcionam angústias e frustrações em forma de ódio a outros grupos. Este sentimento se torna um problema ainda maior quando parte do Estado ou de algum dos seus representantes, pois ganha uma expressão ainda maior devido ao poder de influência que eles detêm (MÜLLER, 2019). Assim, a contribuição do mundo acadêmico no entendimento de como esse discurso incitador de ódio funciona serve para alertar acerca dos rumos que a comunicação política, em específico a do Brasil, vem adotando e as consequências reais que essas retóricas podem ter na sociedade.

## **Metodologia**

O artigo possui uma base teórica fundamentada nos argumentos convenientes de autores como Angelo Müller (2019), Jason Stanley (2018), Luiz Felipe Miguel (2018), Aurélio Moura (2016), Giuliano da Empoli (2019), Deysi Cioccarri (2018), Simonetta Persichetti (2018) e Camilla Rocha (2018) para compreender o que é o discurso ódio, como ele é usado por figuras políticas e suas consequências em nossa sociedade, com foco na comunicação política de Jair Bolsonaro.

O método a ser realizado será a análise descritiva, cujo intuito é fornecer definições acerca da retórica do ódio e esclarecer a função do seu uso contra as mulheres e jornalistas, num primeiro momento de forma separada, e depois especificamente contra jornalistas mulheres, no campo político. Os entendimentos de discurso de ódio contra mulheres e jornalistas separadamente e depois em conjunto foi realizado para facilitar a compreensão dos motivos que levam ao uso de falas agressivas no tratamento com jornalistas do sexo feminino.

Em seguida, será examinada qualitativamente, por meio de uma análise do discurso, uma entrevista que teve lugar em meio à pandemia de covid-19, em que o

presidente pode ter apresentado características condizentes com o discurso de ódio contra uma repórter feminina, servindo de demonstração acerca de como o discurso de ódio é colocado em prática. O diálogo ocorreu em 21 de junho de 2021, com Laurene Santos, da TV Vanguarda, afiliada da TV Globo em São José dos Campos (SP).

Para discutir o uso do discurso de ódio contra a imprensa feminina por Jair Bolsonaro, se recorrerá à pesquisa documental; na qual serão analisados, em primeiro lugar, quantitativamente, os dados de 2021 apresentados no relatório da Abraji acerca da violência de gênero contra jornalistas, assim como também o Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil de 2021, produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), nos quais serão identificados e esclarecidos índices que servirão para complementar o assunto tratado; e em segundo, qualitativamente, as frases presentes na entrevista, em que serão evidenciados o uso de termos que se encaixem na prática de falas odiosas contra jornalistas femininas, servindo como estudo de caso sobre o que será levantado durante a pesquisa bibliográfica, como também acerca das estratégias para a sua aplicação.

### **Discurso de ódio como propaganda política**

O discurso de ódio não é novidade em nossa sociedade. Na religião, na política, assim como em inúmeros outros exemplos, o ódio tem sido utilizado, há séculos, como forma de valorizar um indivíduo ou grupo em relação a outro (MÜLLER, 2019). Nos últimos anos, essa narrativa, à qual estávamos acostumados a ver em estados de guerra e conflitos, passou a tomar conta dos discursos de diferentes governos de extrema-direita no mundo afora, assim como também no Brasil. Seja nas interações face a face ou virtuais ou nas provocações e reações sobre assuntos relacionados a posicionamentos, notícias, partidos, movimentos sociais, entre outros temas, é possível notar uma escalada da intolerância política (MÜLLER, 2019).

Podemos pensar na retórica do ódio como um fenômeno que está em constante transformação. Dessa forma, esse discurso consegue tirar proveito de características específicas dos grupos ou indivíduos a quem é direcionada, dos períodos históricos nos quais ocorre, bem como das tecnologias disponíveis para sua propagação (KOROSTELINA, apud MÜLLER, 2019). Precisamente no campo tecnológico essa linguagem encontrou a ferramenta ideal para a sua circulação por meio das redes sociais

e da internet, facilitada pelo uso massivo de aplicativos como Facebook, Twitter, WhatsApp e Instagram por parte da população, passando a se tornar um sério problema de “segurança pública” para os Estados (MOURA, 2016).

O discurso baseado na narrativa do ódio tem sua origem no termo em inglês *hate speech* (traduzido para o português como discurso do ódio) e pode ser definido, conforme Marco Aurélio Moura exemplifica em sua obra *O Discurso do Ódio em Redes Sociais* (2016),

Como o conjunto de palavras que tende a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião ou que tem capacidade de instigar a violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas [...]. Ele é o discurso que exprime uma ideia de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, menosprezando-os, desqualificando-os ou inferiorizando-os pelo simples fato de pertencerem àquele determinado grupo, motivado por preconceitos ligados à etnia, religião, gênero, deficiência, orientação sexual, nacionalidade, naturalidade, dentre outros (MOURA, 2016, p. 4).

Fazendo uso desse discurso, a propaganda política dos incitadores do ódio consegue ocultar os objetivos claramente problemáticos de políticos ou de movimentos políticos, mascarando-os com ideais simplesmente aceitos, ou seja, em conceitos preestabelecidos (pré-conceitos). Assim, como Jason Stanley (2018) aponta em seu livro “Como Funciona o Fascismo”, a propaganda teria a função de utilizar a linguagem dos “ideais virtuosos” para unir pessoas por trás de objetivos que, de outra forma, seriam questionáveis, fomentando a polarização por meio do estímulo da política do “nós” contra “eles”.

Para conseguir compreender como a população se une por trás de tais objetivos, Freud (1921) explica que,

O grupo é extremamente crédulo e aberto à influência. Não possui faculdade crítica e o improvável não existe para ele. Pensa por imagens, que se chamam umas às outras por associação, e cuja concordância com a realidade jamais é conferida por qualquer órgão razoável. Os sentimentos de um grupo são sempre muito simples e muito exagerados, de maneira que não conhece a dúvida nem a incerteza (FREUD, 1921, p. 88).

Dessa maneira, o uso do discurso de ódio como propaganda política busca se aproveitar de ambientes coletivos para alcançar seguidores que se unem em favor de um objetivo, que muitas vezes se baseia na disseminação de preconceito e na discriminação

contra minorias. Isso é possível, pois nesses ambientes as questões se tornam mais subjetivas e a inserção de ideias generalizadoras ganham poder. Em sua obra intitulada *Política do Ódio no Brasil*, Müller explica que tais características de mente em estado grupal transformam o ódio em algo realmente tentador, uma vez que o seu incentivo se torna algo extremamente fácil de ser realizado, já que os indivíduos ávidos pela satisfação de seus instintos aceitam de uma forma mais fácil tudo aquilo que possa confirmar o poder do grupo (2019).

Assim, a unidade é estimulada, uma vez que o ódio por uma pessoa ou instituição passa a evocar laços emocionais que podem atuar como elemento de coesão em determinados grupos. Ao propagar o medo, não é necessário sequer criar uma argumentação lógica, basta que o incitador exagere e repita a mesma coisa diversas vezes numa forma que fique compreensível para todos os que estão ouvindo (MÜLLER, 2019).

Isso, portanto, possibilitou a popularização dessa narrativa que, conforme Giuliano da Empoli (2019) exemplifica, faz com que os defeitos e vícios dos líderes que utilizam esse discurso se tornem, aos olhos dos eleitores, em qualidades. Assim, sua inexperiência é vista como a prova de que eles não fazem parte ao círculo corrompido das elites, a incompetência serve como garantia de autenticidade, as tensões que produzem a nível internacional enfatizam a sua independência e as *fake news* que guiam sua propaganda são a marca da liberdade de expressão que tanto defendem para legitimar, de certa forma, a circulação de ideias e falas odiosas.

### **Origem do discursos de ódio de Bolsonaro contra a imprensa feminina**

No governo Bolsonaro, os discursos misóginos se encontram fortalecidos na masculinidade patriarcal que predomina em nossa sociedade, que segundo explica Jason Stanley (2018), criam uma expectativa nos homens de que terão o papel de únicos protetores e provedores de suas famílias. Um exemplo disso é quando ele declarou em 2014 na Câmara que a deputada Maria do Rosário (PT-RS) não merecia ser estuprada (GLOBO, 2014) ou afirmou à apresentadora Luciana Gimenez na RedeTV! que não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário (CORREIO BRASILIENSE, 2018). Quando sujeitos a “tempos de extrema ansiedade econômica, os homens, já preocupados com a percepção de perda de status resultante do aumento da igualdade de

gênero podem facilmente entrar em pânico por conta de demagogia dirigida contra as minorias sexuais” (STANLEY, 2018, p. 134).

A ansiedade masculina é, dessa forma, transformada em temor – medo – de que sua família esteja sob ameaça existencial por parte daqueles que rejeitam a sua estrutura e suas tradições mais conservadoras. Assim, o ódio contra as mulheres se justifica como propaganda política por figuras como Bolsonaro no sentido de fortalecer a organização da sociedade em hierarquias que mantenham a figura do homem acima e detentora dos privilégios condizentes com a sua posição social (STANLEY, 2018).

Não é à toa que, nas eleições de 2018, pela primeira vez em vinte quatro anos, a relação de voto entre homens e mulheres não foi equivalente, ficando o eleitorado masculino à frente do feminino com mais de 10 pontos percentuais de diferença. Isso também pode se ver refletido no apoio conseguido entre grupos conhecidamente mais conservadores, e portanto defensores de estruturas hierárquicas antropocêntricas, como é o caso de 70% dos evangélicos, que apresentaram afinidade com Bolsonaro (NICOLAU, 2020).

O discurso de ódio contra a imprensa, por sua vez, está fundamentado em uma estratégia de propaganda política que busca abalar a confiança nos veículos midiáticos, com a intenção de disseminar uma suspeita geral que crie profundas fontes de desconfiança em relação às instituições e deposite a credibilidade apenas na imagem do líder que a enfrenta (STANLEY, 2018).

A violência contra a imprensa no Brasil, por sua vez, possui um recorte de gênero no que tange a Bolsonaro. No caso das mulheres, o presidente realiza ofensas de cunho machista e misógino que buscam humilhar e ferir a credibilidade das jornalistas por questões que fogem ao trabalho que elas exercem, como é o caso do episódio com a jornalista Patrícia Campos Mello, que em fevereiro de 2020 fez uma denúncia sobre o envolvimento de Bolsonaro com empresários acerca do disparo de mensagens no WhatsApp durante as eleições e foi alvo de insinuações por parte do presidente de que teria conseguido essas informações a troca de sexo. Quando não recorre a questões de gênero, faz ataques estigmatizantes que ocorrem por meio de insultos – jornalista da CNN Brasil, Daniela Lima, foi chamada de quadrúpede – ou pela adoção de tons ameaçadores, com o claro objetivo de intimidar as repórteres, como a que será analisada durante o artigo.

## Resultados e discussão

Segundo o Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil de 2021, produzido pelo FENAJ, o ano de 2021 estabeleceu um novo recorde no registro de agressões diretas aos profissionais e ataques à categoria e a veículos de comunicação, diretamente associado à ascensão de Jair Bolsonaro. Foram 430 ocorrências, tornando-se o ano mais violento desde o começo da série histórica dos registros dos ataques na década de 1990. O aumento, contudo, foi inexpressivo em relação ao ano anterior, representando apenas 0.47% a mais, porém de 2019 para 2020 já tinha ocorrido um aumento de 105.77% e 54.07% de 2018 a 2019, anos em que Bolsonaro esteve à frente do governo federal.

Os dados levantados apontam que a constância da violência contra jornalistas está diretamente associada à sistemática ação do presidente da República para desacreditar a imprensa, assim como à ação de seus auxiliares e apoiadores contra veículos de comunicação social e contra os jornalistas e à censura estabelecida pelo governo Bolsonaro aos profissionais da Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Ainda de acordo com o relatório, o presidente foi responsável pela maioria dos ataques à imprensa, totalizando, sozinho, 129 episódios (98,47% do total) de tentativas de desacreditá-la com expressões como “a mídia mente o tempo todo”, “imprensa de merda” e “a mídia é uma fábrica de fakenews”; e também 18 casos de agressões verbais em que utilizou termos como “canalha”, “quadrúpede”, “picaretas” e “idiota”, além das ocasiões em que mandou os profissionais calarem a boca.

Em 2021, o relatório produzido pela Abraji, que ofereceu um panorama da violência contra mulheres jornalistas, registrou 119 ataques contra mulheres jornalistas ou ataques de gênero, dos quais 75% partiram de discursos estigmatizantes, sendo 59% deles resultado de falas de autoridades e figuras proeminentes. Dentre estes ataques, Jair Bolsonaro está entre os maiores autores, seguido por Carlos Jordy, Carlos Bolsonaro, Tercio Arnaud Tomaz, Eduardo Bolsonaro e Rodrigo Constantino, dois filhos do presidente, um parlamentar da base do governo, um assessor presidencial e um comentarista político bolsonarista.

Os discursos estigmatizantes são definidos pela Abraj (2020) como uma forma de ataque a jornalistas e comunicadores adotada por agentes estatais, autoridades públicas ou políticos que buscam se apoiar em um tom de desacreditação, ofensa e intimidação,

que visam desvalorizar a imprensa como um todo. Esta tornou-se uma estratégia para impedir a ação da imprensa como fiscalizador, impedindo que os jornalistas consigam atuar livremente no exercício de suas funções, parte fundamental da democracia.

Quando direcionado às repórteres femininas, Bolsonaro costuma adotar tons ameaçadores e proferir insultos que buscam desqualificar o trabalho delas. O resultado dessa narrativa se faz ainda mais evidente quando constatamos que, entre os 90 casos de discursos estigmatizantes levantados pelo relatório da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) acerca da violência de gênero contra jornalistas em 2021, em 42% das vezes os discursos de autoridades e figuras proeminentes estiveram relacionados com campanhas sistemáticas contra jornalistas.

Esse número indica a quantidade de vezes em que as falas agressivas de autoridades, como é o caso de Jair Bolsonaro, presidente da República, reverberaram nas redes, ganhando o caráter de campanhas sistemáticas, principalmente nas redes sociais, onde as agressões tomam um caráter de gênero com expressões machistas e misóginas que buscam a humilhação por sua sexualidade e aparência.

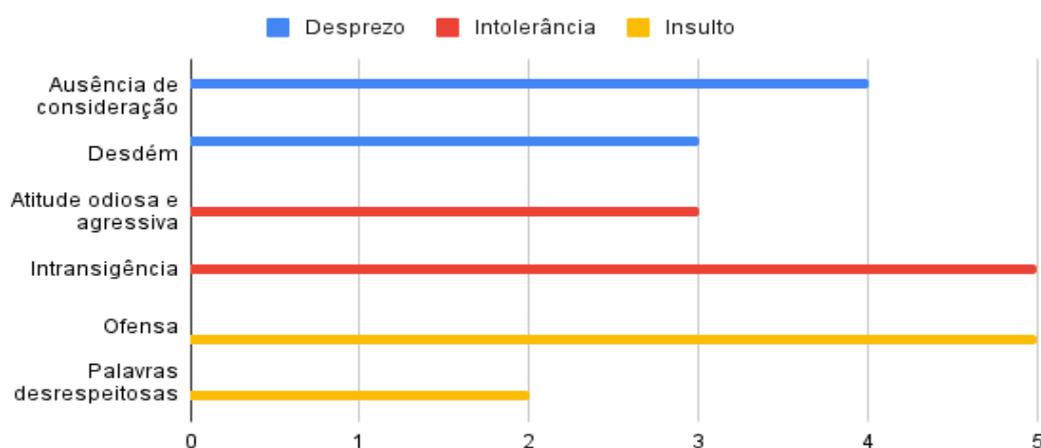
Na análise da entrevista selecionada para a pesquisa, contatou-se a utilização de termos odiosos contra a jornalista feminina, assim como tons mais agressivos e autoritários que buscavam mostrar poder e dominação, caracterizando-se no conceito de discurso do ódio apresentado ao longo do artigo. Cada frase ou expressão de ódio foi analisada e exemplificada usando como base todos os conceitos levantados durante os tópicos anteriores.

Levando em consideração os conceitos de desprezo, intolerância e insulto pelos quais a narrativa de ódio é propagada disponíveis no Dicionário Online de Português (2022), entende-se que desprezo é a ação ou efeito de desprezar; ausência de consideração; sem apreço nem estima; desdém; sensação de repulsa; intolerância é a atitude odiosa e agressiva direcionada a pessoas que possuem opiniões diferentes ou comportamentos que se diferem do considerado aceitável pela maioria; intransigência a diferentes opiniões; e insulto engloba o conjunto de palavras, comportamentos, atitudes, gestos desrespeitosos; ofensas e ultrajes proferidos contra a reputação de alguém (DOP, 2022).

## Apresentação de dados da entrevista com a jornalista Laurene Santos (TV Vanguarda/ Globo)

Os dados do gráfico abaixo apresentam a quantidade de vezes em que o presidente Jair Bolsonaro realizou frases que se encaixam no conceito de discurso do ódio, durante a entrevista com a jornalista Laurene Santos, que durou 1 minuto e 11 segundos. Com o intuito de classificar as falas odiosas, assim como facilitar a compreensão dos critérios utilizados para essa análise, utilizou-se os conceitos de desprezo, intolerância e insulto do Dicionário Online de Português (2022). Segundo esses conceitos, constatou-se que Bolsonaro realizou: sete falas de desprezo, quatro delas classificadas como ausência de consideração e três como desdém; oito falas de intolerância, três delas classificadas como atitudes odiosas e agressivas e cinco delas como intransigência; e sete falas de insulto, cinco delas classificadas como ofensivas e duas como palavras desrespeitosas.

**Gráfico 1:** Ataques contra a jornalista Laurene Santos (TV Vanguarda/ Globo)



**Fonte:** Elaboração própria com base nos vídeos analisados (2022)

Nas tabelas a seguir, são esclarecidas quais das falas analisadas durante a entrevista se encaixam nas classificações, em primeiro lugar, de desprezo (ausência de consideração ou desdém), em segundo, intolerância (atitude odiosa e agressiva ou intransigência) e, em terceiro, insulto (ofensa ou palavras desrespeitosas).

**Tabela 1:** Frases de desprezo contra a jornalista Laurene Santos (TV Vanguarda/ Globo)

Frases de desprezo	
Ausência de consideração	Desdém
“Você é da Globo?”	“Vocês acham que vou me consultar com Bonner ou com Mirian Leitão sobre esse assunto?”
“Deixo eu falar” (interrompendo a fala)	“Está feliz agora?” (Sarcasmo)
“Se você não assiste a Globo, você não tem informação.”	“Você está feliz agora?” (Sarcasmo)
“Se assiste, está desinformado.”	

**Fonte:** Elaboração própria com base nos vídeos analisados (2022)

**Tabela 2:** Frases intolerantes contra a jornalista Laurene Santos (TV Vanguarda/ Globo)

Frases intolerantes	
Atitude odiosa e agressiva	Intransigência
“Cala a boca!”	“Não quero conversa com a Globo não.”
“Vocês destroem a família brasileira, a religião brasileira, vocês não prestam.”	“Agora tudo que eu falei sobre a Covid, infelizmente para vocês [emissora Rede Globo] deu certo.”
“A Rede Globo não presta.”	“Por que vocês não admitem isso?”
	“É um péssimo órgão de informação.”
	“Vocês não ajudam em nada.”

**Fonte:** Elaboração própria com base nos vídeos analisados (2022)

**Tabela 3:** Frases com insultos contra a jornalista Laurene Santos (TV Vanguarda/ Globo)

Frases com insultos	
Ofensa	Palavras desrespeitosa
“Essa Globo é uma merda de imprensa!”	“Sou alvo de canalhas do Brasil.”
“Vocês são uma porcaria de imprensa!”	“Você quer fazer uma pergunta decente?”
“Vocês são canalhas!”	
“Vocês fazem um jornalismo canalha que não ajuda em nada.”	
“Você tinha que ter vergonha na cara de presta um serviço porco que isso que você faz na Rede Globo.”	

**Fonte:** Elaboração própria com base nos vídeos analisados (2022)

No total, a análise do diálogo de 71 segundos possibilitou o levantamento de 22 falas caracterizadas como odiosas em que foram considerados aspectos além do conteúdo das falas, como a linguagem corporal e o tom de voz. A entrevista apresenta, por sua vez, um claro exemplo de como o discurso do ódio perante uma jornalista mulher é colocado em prática pelo objeto de estudo, uma vez que, na mesma, é notável como cada uma delas busca criar um cenário de descredibilização e imposição autoritária.

### **Análise da entrevista com a jornalista Laurene Santos (TV Vanguarda/ Globo)**

Em visita à cidade de Guaratinguetá, no interior de São Paulo, para um evento no dia 21 de junho de 2021, durante a pandemia por Covid-19 que já atingia um total de 500 mil mortos, Bolsonaro presenciou uma coletiva de imprensa informal para responder às perguntas dos repórteres presentes. Nela foi questionado pela jornalista Laurene Santos, da TV Vanguarda, afiliada da TV Globo em São José dos Campos (SP), sobre a falta de uso de máscara de proteção contra a transmissão do coronavírus que, segundo a repórter afirma, já tinha gerado uma multa para ele no estado de São Paulo (UOL, 2021).

Em meio a sua fala, a jornalista é cortada pelo presidente que trata de insultar a capacidade de realizar perguntas da jornalista, um dos focos da sua função como repórter, com o intuito de gerar descrédito. Em seguida, um jornalista (não identificado durante a

entrevista) realiza um questionamento sobre o repasse de verba federal para a Santa Casa de Misericórdia de Guaratinguetá que o presidente pede para a Deputada Federal Carla Zambelli responder.

Bolsonaro complementa a fala e acrescenta que por estar usando capacete balístico à prova de 762 (durante passeio de motocicleta em São Paulo), não viu necessidade de utilizar máscara de proteção. Adotando um tom mais agressivo, o presidente questiona a jornalista se vai ser multado toda vez que andar de moto. Nesse momento, Laurene Santos aproveita para apontar que nesse mesmo dia ele também tinha chegado sem máscara, ao que ele respondeu com um grito exigindo que o deixasse falar.

Visivelmente incomodado com os questionamentos da repórter feminina, o presidente perde a compostura que aparentava ter no início da entrevista, chegando a repetir novamente que o deixasse falar e se irritando com o próprio staff que estava presente, recriminando-os com um “cala a boca aí”.

Ao ser questionado novamente sobre o não uso da máscara no evento em que a entrevista estava ocorrendo, Bolsonaro parte para uma série de ataques, aumentando o tom de voz em diversas ocasiões. Isso é evidente principalmente quando trata de afirmar a sua posição dominante no diálogo ao exigir que o deixassem falar, ao mesmo tempo que interrompe qualquer interferência da repórter quando trata de questionar novamente sobre a falta do uso de máscara também no dia em que ocorreu a entrevista. Em meio à sua alegação acerca do tratamento precoce – que carece de comprovação científica – contra a Covid-19, ele retira a máscara de proteção, colocando todos os presentes em risco de transmissão, constituindo uma forma de agressão física, e reproduz uma série de ofensas contra a TV Globo e seus funcionários.

Adotando um tom intimidador, interrompe mais uma vez a jornalista mandando-a “calar a boca” e a acusando de promover um jornalismo “canalha”, “porco” da qual ela deveria sentir “vergonha”, pois estaria contribuindo para a destruição da “família brasileira” e da “religião brasileira”. O discurso de Bolsonaro durante o trecho da entrevista separado para análise, portanto, pode ser encaixado no tipo de discurso estigmatizante que o relatório da Abraji (2021) define como discursos de autoridades e figuras proeminentes, em que são realizados insultos ou desqualificações proferidas por autoridades públicas, assim como também na narrativa de ódio, uma vez que demonstra desprezo e intolerância contra um grupo de jornalistas.

## Considerações finais

O discurso do ódio é mais fácil de compreender com a análise dos ataques realizados à jornalista Laurene Santos, uma vez que possibilita o entendimento de como o uso dessa retórica contra as mulheres jornalistas pode servir na forma de propaganda política, assim como a sua repercussão na condição de campanhas sistemáticas contra as vítimas desses discursos.

As falas odiosas conseguiram ganhar um novo significado em ambientes coletivos, como é o caso das redes sociais, reunindo um conjunto de pessoas em favor de um objetivo – o descrédito à imprensa feminina. Esse descrédito, por sua vez, está baseado nas falas em que o presidente realizou ofensa à jornalista com palavras que qualificaram o seu trabalho como “merda”, “canalha”, “porco”, ou que a responsabiliza pela destruição da família e da religião brasileira.

A participação e iniciativa de figuras políticas como Jair Bolsonaro nesse tipo de comunicação apresentam um sério risco para a nossa sociedade, uma vez que eles detêm de uma forte influência nos ataques coordenados que ocorrem contra diferentes setores. Essa participação, contudo, ocorre de maneira estratégica por esses políticos que, à forma de propaganda política, levantam a bandeira da intolerância e o desprezo perante certos grupos com a intenção de apontá-los como culpados pelos problemas econômicos, políticos e sociais do país, evocando laços emocionais estimulados pelo ódio por uma pessoa ou instituição em comum que servem para compor grupos de apoio ao seu governo.

## Referências

ABRAJI, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. **Violência de Gênero contra Jornalistas**: dados sobre os ataques com viés de gênero e casos que vitimaram mulheres no Brasil em 2021. Brasília: Abraji, 2021. 39 p. Disponível em: [https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication\\_info/details\\_file/fd562733-fde3-42d5-b763-0974253a3207/Relat\\_rio\\_Viol\\_ncia\\_de\\_g\\_nero\\_contra\\_jornalistas\\_PT.pdf](https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/fd562733-fde3-42d5-b763-0974253a3207/Relat_rio_Viol_ncia_de_g_nero_contra_jornalistas_PT.pdf). Acesso em: 19 jun. 2022.

BOLSONARO, Jair. **Bolsonaro manda jornalista calar a boca e tira máscara após pergunta sobre proteção**. [Entrevista coletiva concedida após evento] UOL, canal do Youtube UOL, junho, 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qceQpB6onBA>

CALGARO, Fernanda [G1 GLOBO]. **Bolsonaro repete que não estupra deputada porque ela 'não merece'**: maria do rosário (pt-rs) fez discurso na tribuna com críticas à ditadura. militar da reserva, deputado do pp-rj reagiu e ofendeu ex-ministra.. Maria do Rosário (PT-RS) fez discurso na tribuna com críticas à ditadura. Militar da reserva, deputado do PP-RJ reagiu e ofendeu ex-ministra.. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-repete-que-nao-estupra-deputada-porque-ela-nao-merece.html>. Acesso em: 22 jul. 2022.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. **Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro**. Alterjor: Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP), São Paulo, v. 2, n. 1, p. 201-214, nov. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/144688/141608>. Acesso em: 11 dez. 2021.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2019.

FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas –. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**: relatório 2021. Brasília: Cirandas, Comunicação e Mídias Digitais, 2021. 68 p. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-da-Viol%C3%Aancia-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-de-Imprensa-2021.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e a análise do ego (1921)**. In. Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Volume XVIII.

MIGUEL, Luiz Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: SOLANO, Esther et al. (Ed.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. Boitempo Editorial, 2018. P. 16-26.

MOURA, Marco Aurelio. **O discurso do ódio em redes sociais**. São Paulo: Lura Editorial, 2016.

MULLER, Angelo. **Política do ódio no Brasil**. Viseu, 2019

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Zahar, 2020. 144 p.

ROCHA, Camilla. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância?. In: SOLANO, Esther et al. (Ed.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. Boitempo Editorial, 2018. P. 48-54.

SANTOS, Laurene. **Bolsonaro manda jornalista calar a boca e tira máscara após pergunta sobre proteção** [Vídeo]. [Entrevista coletiva concedida após evento] UOL, canal do Youtube UOL, junho, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qceQpB6onBA>

SANTOS, Philipe [Correio Brasiliense]. **Luciana Gimenez confirma que Bolsonaro falou que pagaria menos a mulheres**: apresentadora teve o nome citado durante

entrevista do presidencial e usou o instagram para se manifestar nesta quarta-feira: "que falou, falou". Apresentadora teve o nome citado durante entrevista do presidencial e usou o Instagram para se manifestar nesta quarta-feira: "Que falou, falou". 2018. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/08/29/interna\\_politica,702643/luciana-gimenez-confirma-que-bolsonaro-disse-que-pagaria-menos-mulher.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/08/29/interna_politica,702643/luciana-gimenez-confirma-que-bolsonaro-disse-que-pagaria-menos-mulher.shtml). Acesso em: 26 jun. 2022.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: A política do " nós" e" eles". L&PM Pocket, 2018

UOL (2021, junho 21). **Bolsonaro manda jornalista calar a boca e tira máscara após pergunta sobre proteção** [Vídeo]. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qceQpB6onBA>